Fora com ‘verdades’ falazes[1]

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Utilizei ‘verdade falaz’ para traduzir ‘*canard*’. Um ‘*canard*’ é uma falsidade que galgou o ‘status’ de ‘verdade aceita’ dentro de uma disciplina. Lá pelas tantas, um homem chamado Hermann von Soden afirmou que o seu **K^{r}** era uma revisão de seu **K^{x}**, provavelmente feita no século XII. A informação disponível na própria obra dele, de quatro volumes, demonstra que essa afirmação é falsa. Não obstante, essa falsidade galgou o ‘status’ de ‘verdade aceita’ dentro da disciplina da crítica textual do NT. Tornou-se um ‘*canard*’.

Considere a seguinte declaração de Kirsopp Lake:

> Escritores sobre o texto do Novo Testamento geralmente copiam um do outro a afirmação que Crisóstomo usou o texto bizantino ou antioqueno. Mas no momento que alguém faz uma investigação, fica evidente, mesmo a partir do texto impresso de suas obras, que há muitas variações importantes no texto que ele cita, o que evidentemente não era idêntico ao encontrado nos MSS do texto Bizantino.[2]

Sendo que eu mesmo já passei alguns anos nos corredores arcanos da academia, observei que a repetição acrítica de coisas que ‘todo mundo sabe’ é realmente bastante comum, em quase todas as disciplinas. A crítica textual do Novo Testamento não é exceção, como Lake observou acima.

Entendo que Hermann von Soden foi o primeiro a identificar formalmente seu **K^{r}** como um tipo de texto distinto, o 'r' significando 'revisão', já que ele o considerava uma revisão baseada em seu **K^{x}**. Ora, por definição uma 'revisão' é perpetrada por alguém específico, em um momento específico e em um lugar específico. Dentro de nossa disciplina, eu entendo que 'revisão' e 'recensão' são sinônimas. Ouça Hort: “O texto sírio deve, de fato, ser o resultado de uma 'recensão' no sentido próprio da palavra, uma obra de tentativa de crítica, realizada deliberadamente por editores e não apenas por escribas”.[3] Não é meu costume recorrer a Fenton John Anthony Hort, mas a sua compreensão de ‘recensão’ é presumivelmente correta. Uma recensão é produzida por um certo alguém (ou grupo) em um determinado momento em um determinado lugar. Se alguém deseja postular ou alegar uma revisão/recensão, e fazê-lo com responsabilidade, ele precisa indicar a fonte e

---

[1] Usei ‘verdade falaz’ para traduzir ‘*canard*’. Os dicionários oferecem uma variedade de definições para o termo, mas todos concordam que é informação falsa, e que teria sido criado maliciosamente para enganar. Claro que alguém pode repetir o ‘*canard*’ sem malícia, embora sem verificar a evidência.

[2] Kirsopp Lake, *The Text of the New Testament*, sexta edição revisada por Silva New (London: Rivingtons, 1959), p. 53.

[3] B.F. Westcott and F.J.A. Hort, *The New Testament in the Original Greek* (2 vols.; London: Macmillan and Co., 1881), *Introduction*, p. 133.

fornecer algumas evidências.[1]

Então, com base em que alegou von Soden que seu **K^{r}** (que eu chamo de Família 35) era uma revisão de seu **K^{x}** e que foi criado no século XII? Tivesse ele realmente prestado atenção às evidências disponíveis em sua própria *magnum opus*, *Die Schriften des Neuen Testaments* (4 vols.; Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1911-1913), ele não poderia ter feito isso, pelo menos não honestamente. Mas foi ele honesto? Pelo menos com referência a João 7.53 – 8.11 (a *P.A.*), acho que não. Ele alegou ter cotejado mais de 900 MSS para essa *pericope* e, com base nisso, postulou sete famílias, ou linhas de transmissão, e até reproduziu uma suposta forma arquetípica para cada uma delas. Hodges e Farstad aceitaram a palavra dele e refletiram sua declaração das evidências em seu aparato crítico; e eu reflito o aparato de H-F no meu (para aquela *pericope*) por falta de algo melhor (exceto que eu garanto a testemunha de **M^{7}** [minha Família 35], baseado em meu exame pessoal dos cotejos de Robinson).

Fazendo já vários anos, Maurice Robinson fez um cotejo completo de 1.389 MSS que contêm a *P.A.*,[2] e eu tive a fotocópia de William Pierpont desses cotejos em meu poder por dois meses, passando a maior parte do tempo estudando esses cotejos. Ao fazer isso, ficou óbvio para mim que von Soden 'manipulou' os dados, arbitrariamente 'criando' a suposta forma arquetípica para suas primeiras quatro famílias, **M^{1,2,3,4}** – se elas existem, elas são um tanto fluidas. Seus **M$^{5\&6}$** existem, com perfis distintos, mas são um pouco 'moles', com bastante confusão interna para tornar arbitrária a escolha **da** forma arquetípica. Contrastando com isso, seu **M^{7}** (que eu chamo de Família 35) tem um perfil sólido e inequívoco – a forma arquetípica é demonstrável, empiricamente determinada.

Lá pelas tantas, fui levado a acreditar que o trabalho de von Soden era razoavelmente confiável. Isso foi importante porque o trabalho dele é a base para as edições tanto de Hodges-Farstad como de Robinson-Pierpont do Texto Majoritário. Contudo, os cotejos em *Text und Textwert* (*TuT*)[3] demonstram objetivamente que, não raro, von Soden está seriamente errado. Com referência ao tratamento que von Soden

---

[1] Quanto a Hort, ele sugeriu que Luciano de Antióquia teria sido o principal responsável – uma sugestão tanto gratuita como frívola, sendo que ele não tinha estudado as evidências já disponíveis no tempo dele. (Se ele fosse repetir a sugestão hoje, seria meramente ridícula.)

[2] 240 MSS omitem a *PA*, 64 dos quais se baseiam no comentário de Teofilacto. Outros catorze têm lacunas, mas não são testemunhas de omissão total. Alguns outros certamente contêm a passagem, mas o microfilme é ilegível. Então, 1389 + 240 + 14 + 7(?) = uns 1650 MSS verificados por Robinson. Isso não inclui lecionários, dos quais ele verificou um bom número. (Todos esses MSS são microfilmes lotados no *Institut* em Münster. Atualmente temos conhecimento de um bom número a mais, além de outros ainda desconhecidos, provavelmente.) Infelizmente, Robinson ainda não publicou os seus cotejos, tornando-os disponíveis ao público maior. [Atualmente ele já cotejou 1505 MSS para aquele trecho.]

[3] *Text und Textwert der Griechischen Handschriften des Neuen Testaments* (Ed. Kurt Aland, Berlin: Walter de Gruyter).

deu ao códice 223, K.W. Clark escreveu: “Além disso, nosso cotejo revelou sessenta e dois erros em 229 leituras tratadas por von Soden”.[1] 27% de erro (62 ÷ 229) é demais em demasia, e o que é verdadeiro para o MS 223 também pode ser verdade para outros MSS. Por favor, pare e pense sobre isso por um minuto. 27% de erro não pode ser atribuído a um simples descuido ou até a um desleixo; mera falta de cuidado não deve exceder 5%. Realmente parece que o leitor está sendo enganado, deliberadamente, e isso é desonesto. H.C. Hoskier não estava totalmente enganado em sua avaliação.

Além disso, como poderia o **K^{r}** ser uma revisão de **K^{x}** se **K^{x}** nem sequer existe? O próprio Soden estava perfeitamente ciente de que não havia **K^{x}** na *P.A*. Os cotejos de H.C. Hoskier provam que certamente não há **K^{x}** no Apocalipse. Somos gratos ao *Institut für Neutestamentliche Textforschung* pela série *Text und Textwert*. Uma olhada cuidadosa em seus cotejos indica que provavelmente não há **K^{x}** em lugar algum. Veja, por exemplo, os volumes da *TuT* no Evangelho de João, capítulos 1-10. Eles examinaram um total de 1.763 MSS (incluindo fragmentos) (para 153 conjuntos de variantes) e incluíram os resultados nos dois volumes. As páginas 54-90 (volume 1) contêm "Agrupamentos de acordo com graus de concordância" "concordando mais freqüentemente entre si do que com o texto majoritário". Apenas um símbolo de grupo é usado, precisamente **K^{r}** – o primeiro representante da família, MS 18, lidera um grupo de cerca de 120 MSS, mas todos os representantes subsequentes têm apenas um **K^{r}**. Dos 120, os últimos seis mostram 98% de concordância, todos os demais são 99% (74) ou 100% (40). Eu diria que a Família 35 nos Evangelhos tem mais de 250 representantes; a classificação aqui é baseada em apenas 153 conjuntos de variantes (mas veja o que acontece abaixo).

O grupo liderado pelo MS 18 enumera 120, e é o único que recebe um símbolo de grupo, sendo de longe o maior. Mas existem outros grupos de tamanho significativo? Agora vou alistá-los em ordem decrescente, começando com aqueles que têm 40 ou mais:

grupo	tamanho	coerência
2103	52	95% (15); 97% (20); 98% (13); 100% (4)
318	44	96% (1); 97% (24); 98% (6); 99% (10); 100% (4)
961	42	97% (1); 98% (4); 99% (34); 100% (3)
1576	42	97% (1); 98% (4); 99% (34); 100% (3)
1247	41	97% (1); 98% (4); 99% (33); 100% (3)
2692	41	97% (1); 98% (4); 99% (33); 100% (3)

[1] *Eight American Praxapostoloi* (Kenneth W. Clark, Chicago: The University of Chicago Press, 1941), p. 12.

1058	40	97% (1); 98% (17); 99% (15); 100% (7)
1328	40	98% (6); 99% (33); 100% (1)
1618	40	100% (todos)
2714	40	98% (6); 99% (33); 100% (1)

Ora, 961, 1576, 1247, 2692, 1328, 1618 e 2714 pertencem todos à Família 35 (**K^{r}**), o que deixa apenas 2103, 318 e 1058. Quando olhamos para a coluna 'coerência', notamos que 961, 1576, 1247 e 2692 são iguais e, após inspecioná-los, verificamos que as listas de MSS são virtualmente idênticas – portanto, podemos adicionar 40 MSS aos 120 já designados **K^{r}**. 1618 e 2714 têm sobreposição pesada, e 1328 sobreposição parcial, então podemos adicionar pelo menos outros 20. Agora vamos olhar para os três que restam: 2103, 318 e 1058. Lembrando que o limite para o **K^{r}** foi de 98%, notamos que metade dos grupos 2103 e 318 estão abaixo dele; então esses grupos não são sólidos. 1058 sai melhor, mas quase a metade cai abaixo de 99% (todos os grupos **f^{35}** são maciçamente 99% ou 100%). Pode ser relevante observar que o MS 1058 provavelmente seja **f^{35}** marginal. Então, onde está o **K^{x}**?

Agora alisto os grupos entre 25 e 39, em ordem decrescente:

grupo	tamanho	coerência
1638	37	97% (2); 98% (2); 99% (29); 100% (4)
710	34	94% (18); 95% (1); 96% (13); 98% (2)
763	34	97% (1); 99% (33)
1621	32	98% (1); 99% (24); 100% (7)
1224	29	97% (1); 99% (28)
66	28	98% (1); 99% (26); 100% (1)
394	27	99% (todos)
1551	26	99% (todos)
1657	26	99% (todos)
2249	26	99% (todos)
685	25	99% (todos)
1158	25	99% (todos)

Adivinhe só: todos são da Família 35, exceto 710; uma olhada na coerência nos dá a pista. Se o 710 é realmente um grupo, é um tanto 'mole'. As últimas seis listas são praticamente idênticas, e há considerável sobreposição entre as outras. Mesmo assim, mais alguns MSS provavelmente podem ser adicionados à lista da Família 35, e um exame dos 300 +/- grupos restantes (dependendo do limite que for escolhido)

sem dúvida acrescentará ainda mais. E assim por diante. Então, onde está o **K^{x}**? Caro leitor, permita-me sussurrar em seu ouvido: Não há **K^{x}**, só existia na imaginação de von Soden. Obviamente **K^{r}** não pode ser uma revisão de algo que nunca existiu.[1]

E depois há a questão da independência demonstrada. Por definição, uma revisão/recensão depende de sua fonte. Se não há nenhuma fonte demonstrável em qualquer lugar dos materiais existentes/disponíveis (que para o NT são realmente bastante consideráveis), então é desonesto, irresponsável e repreensível alegar uma revisão/recensão.

E depois, há a questão da antiguidade demonstrada. Existem centenas de lugares onde a **f^{35}** recebe o apoio de testemunhas antigas, mas sem padrão. O ponto crucial aqui é a falta de padrão; sem padrão não há dependência. Não havendo dependência, a **f^{35}** é antiga, necessariamente. Existem mais que trinta linhas de transmissão dentro da massa bizantina, e a **f^{35}** é demonstravelmente independente de todas elas. Repito aqui quatro parágrafos tirados de uma secção acima.

> Cada um desses doze unciais é claramente independente de todos os outros. A total falta de padrão na atestação que estes unciais antigos dão a **f^{35}** mostra com a mesma clareza que **f^{35}** é independente de todos eles também, sem comentar os 22.1% sem eles. Mas que 77.9% das unidades recebem apoio uncial antigo, sem padrão ou dependência, mostra que o **texto** de **f^{35}** é antigo.
>
> Eu convido especial atenção para o primeiro bloco, onde um único uncial está com **f^{35}**; cada um dos sete unciais é independente do resto (e da **f^{35}**) nesse ponto, por necessidade, mas juntos eles atestam 15% do total (119 ÷ 795). Como não há padrão ou dependência para esses 15%, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na **f^{35}**? Haverá alguém para argumentar que quem "inventou" o primeiro MS da **f^{35}** tinha todos esses unciais na frente dele, arbitrariamente tirando 9 leituras de P^{72}, 2 de P^{100}, 40 de ℵ, etc., etc., etc.? Realmente, como podemos explicar essas 119 leituras antigas na **f^{35}**? (Se alguém objetar que os MSS do 5º século não são tão antigos assim, indago: são cópias, ou criações originais? Se são cópias, os seus exemplares tinham de ser mais antigos – todas essas 119 leituras certamente existiam no 3º século.)
>
> Prosseguindo para o próximo bloco, temos outras 148 leituras onde não há padrão ou dependência; 119 + 148 = 267 = 34%. **E** agora, como explicaremos essas 267 leituras antigas na **f^{35}**? Indo para o próximo bloco, temos outras 224 leituras onde não há padrão ou dependência; 267 + 224 = 491 = 61,8%. Ora, ora, como podemos explicar essas 491 leituras antigas na **f^{35}**? Indo para o próximo bloco, temos outras 100 leituras onde não há padrão ou dependência; 491 + 100 = 591 = 74,3%. O último bloco leva o total a 77,9%.

[1] Ver também o artigo, "Arquétipo nas Epítolas Gerais – **f^{35}** sim, **K^{x}** não" na Parte III.

Alegar uma dependência em face desta EVIDÊNCIA, eu considero ser desonesto. A **f^{35}** é claramente independente de todas essas linhas de transmissão, elas próprias independentes. Se a **f^{35}** é independente, então é antiga, por necessidade. A **f^{35}** tem todas aquelas leituras primitivas pelo suficiente motivo de que seu **texto** é primitivo, datando ao século III, pelo menos. Mas se **f^{35}** é independente de todas as outras linhas de transmissão (é comprovadamente independente de **K^{x}**, etc.), então ela há de remontar aos Autógrafos. Que outra explicação razoável existe? Caso alguém queira alegar que **f^{35}** é uma recensão, eu requeiro (e insisto) que ele identifique quem a fez, quando e aonde, e provenha a evidência que apoia a alegação. Sem evidência, qualquer alegação nessa direção é frívola e irresponsável.

Mas por que, então, não temos MSS da **f^{35}** antes do século XI? Bem, por que você imagina que, com poucas exceções, apenas MSS da **f^{35}** tem as lições do Lecionário marcados na margem? Poderia ser porque as comunidades de língua grega as usavam em seus cultos de adoração, bem como para a leitura em refeições comunitárias? E qual efeito produz o uso constante em qualquer livro? Sugiro, para uma consideração calma, fria e consciente de todos os interessados, que quaisquer MSS dignos estariam em uso constante e, portanto, não poderiam sobreviver por séculos. Cópias que eram consideradas de qualidade inaceitavelmente má seriam deixadas na prateleira pegando poeira, e são essas más cópias que sobreviveram.

Seja lá como for, convido a atenção para a seguinte lista de MSS da **f^{35}** do século XI. Os MSS entre ( ) parecem ser membros marginais da família, ou estão misturados.

MS	Local	Conteúdo
35	Egeia	eapr
83	Munique	e
(125)	Wien	e
(476)	Londres	e (**f^{35}** em João)
(516)	Oxford	e
547	Karakallu	eap
(585)	Modena	e
746	Paris	e
(1164)	Patmos	e
1384	Andros	eapr
1435	Vatopediu	e
(1483)	M Lavras	e
(1841)	Lesbos	apr (IX/X—talvez seja **f^{35}** em Paulo)
1897	Jerusalém	ap (Já fiz um cotejo completo, e parece-me da mesma idade)

2253	Tirana	e	(Material introdutório indica o século XI)
2587	Vaticano	ap	
2723	Trikala	apr	
(2817)	Basel	p	

Para começar, notamos que há 18 MSS alistados, e cada um em um local distinto (claro, alguns daqueles atualmente na Europa Ocidental podem ter sido adquiridos do mesmo mosteiro). Além disso, como são internamente distintos, representam o mesmo número de exemplares. Uma vez que os exemplares têm de existir antes de quaisquer cópias feitas deles, necessariamente, e uma vez que muitos/a maioria (todos?) desses exemplares também tinham de ser baseados em exemplares distintos, por sua vez, mesmo que alguém alegue uma recensão, não poderia ser perpetrado depois do século VIII – simplesmente impossível. Claro, porque é preciso levar em consideração a distribuição geográfica.

Alguém bolou o arquétipo de **f^{35}** no século VIII? Quem? Por quê? E como poderia se espalhar pelo mundo mediterrâneo? Há MSS da **f^{35}** em todo o lugar – Jerusalém, Sinai, Atenas, Constantinopla, Trikala, Kalavryta, Ochrida, Patmos, Karditsa, Roma, Esparta, Meteora, Venedig, Lesbos e a maioria dos mosteiros no Monte Atos (que representavam diferentes 'denominações'), etc. Mas a massa bizantina controlava pelo menos 60% do fluxo de transmissão (**f^{35}** = uns 16%); como poderia alguma coisa bolada no século VIII se espalhar tão longe, tão rápido e com tanta pureza? Como isso inspirou tanta lealdade? Tudo o que sabemos sobre a história da transmissão do texto responde que não podia e não aconteceu. É simplesmente impossível que a **f^{35}** poderia ter sido 'bolada' em qualquer momento posterior ao século IV. A lealdade com que a **f^{35}** foi copiada, o nível de lealdade para com **f^{35}** sendo muito mais alto do que para qualquer outra linha de transmissão, indica que ela nunca foi 'bolada' – ela remonta ao Original.

Precisamos tratar a questão de 'nível de lealdade' e o 'quociente de qualidade', comparando várias linhas de transmissão nessa base. Por exemplo, por que será que um MS mediano **f^{35}** terá meramente uma variante cada duas páginas de texto grego impresso, enquanto um MS mediano da massa bizantina terá pelo menos três variantes por página, e um MS mediano alexandrino terá mais que quinze por página? Esse quadro sugere qualquer coisa a respeito de atitude, a respeito de levar a tarefa a sério? Por 'atitude' quero dizer para com o exemplar que está sendo copiado – o copista o tratou com respeito ou reverência?

E depois, há o silêncio da história. Embora eu já tenha tocado nisso em outro lugar, isso merece atenção específica. Permita-me pegar emprestado do meu tratamento

da 'Recensão Luciânica'.[1] John William Burgon deu a resposta suficiente para essa invenção.

> Além da improbabilidade intrínseca grosseira da suposta Recensão – a completa ausência de uma partícula de evidência, tradicional ou não, de que alguma vez tenha ocorrido, tem de ser considerada fatal para a hipótese de que *aconteceu*. É simplesmente incrível que um incidente de tal magnitude e interesse não tenha deixado vestígio algum de si mesmo na história.[2]

Não funcionará alguém dizer que o argumento do silêncio não prova nada. Em uma questão dessa 'magnitude e interesse', é conclusivo. Sir Frederick G. Kenyon, também, achou esta parte da teoria de Hort como sendo gratuita.

> A ausência de evidência aponta para o outro lado; pois seria muito estranho, se Luciano tivesse realmente editado ambos os Testamentos, que apenas o seu trabalho no Antigo Testamento fosse mencionado em tempos posteriores. **O mesmo argumento vai contra qualquer teoria de uma revisão deliberada em qualquer momento definido** [ênfase adicionada]. Sabemos os nomes de vários revisores da Septuaginta e da Vulgata, e seria estranho se os historiadores e escritores da Igreja tivessem omitido registrar ou mencionado tal evento como a revisão deliberada do Novo Testamento em seu grego original.[3]

Ora veja, teria algo de misterioso no que Burgon e Kenyon afirmaram? Não é óbvio? Por favor, pare e pense sobre isso por um minuto. O silêncio da história 'tem de ser considerada fatal para a hipótese'. De passagem, podemos notar que ao passo que Burgon era um defensor ferrenho do Texto Tradicional, Kenyon enfaticamente não o era, sendo de fato um advogado do texto 'crítico', assim chamado.

E depois, existe a questão de 'procura e oferta'. Aqueles que catalogam MSS do NT nos informam que os séculos XII e XIII lideram a turma, em termos de MSS conhecidos, seguidos dos séculos XIV, XI, XV, XVI e X, respectivamente. Há mais de quatro vezes mais MSS do XIII que do X, mas obviamente o grego koinê teria sido uma língua mais viva no X do que no XIII, e assim teria havido mais procura e, portanto, mais oferta. Em outras palavras, muitas centenas de MSS realmente puros do século X pereceram. Uma porcentagem maior dos MSS realmente bons produzidos no século XIV sobreviveu que os produzidos no século XI; e assim por diante. É por isso que existe um nível progressivo de concordância entre os MSS bizantinos, havendo maior percentual de concordância no XIV do que no X. Mas se tivéssemos vivido no X e feito um amplo levantamento dos MSS, teríamos encontrado quase o mesmo nível de concordância (talvez 98%). O mesmo acontece

---

[1] *The Identity of the New Testament Text IV*, p. 84.

[2] J.W. Burgon, *The Revision Revised* (London: John Murray, 1883), p. 293.

[3] F.G. Kenyon, *Handbook to the Textual Criticism of the Greek Bible*, 2nd ed. (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1951), pp. 324-25.

se tivéssemos vivido no século VIII, VI, IV ou II. Em outras palavras, OS MSS SOBREVIVENTES DOS PRIMEIROS DEZ SÉCULOS NÃO SÃO REPRESENTATIVOS DO VERDADEIRO ESTADO DE COISAS NO SEU TEMPO.

Para concluir, quero crer que o leitor não considerará que eu não esteja sendo razoável se eu solicitar que, doravante, todas as pessoas informadas cessem e desistam de chamar a Family 35 (**K^{r}**) de uma revisão em qualquer momento. Encheu! **Fora com 'verdades' falazes!**